

Buffon, História Natural.

Trechos que serão analisados em aula.

1) *Molde interior e nutrição*

Uma vez que conviermos que a ordem das produções da Natureza se segue uniformemente e se faz por graus e por nuances, não teremos dificuldade de conceber que existem corpos orgânicos que não são nem animais, nem vegetais, nem minerais; esses seres intermediários terão eles mesmos nuances nas espécies que os constituem, e graus diferentes de perfeição e imperfeição na sua organização; as máquinas do leite da lula são talvez mais ou menos organizadas, mais ou menos perfeitas que os outros animais espermáticos, os ovos o são ainda menos que uns e outros, mas não temos em que fundar conjecturas razoáveis quanto a isso. O que há de certo é que todos os animais e todos os vegetais, e todas as partes dos animais e dos vegetais contêm uma infinidade de moléculas orgânicas vivas, que podem ser expostas aos olhos de todo o mundo, como o fizemos pelas experiências precedentes; essas moléculas orgânicas tomam sucessivamente formas diferentes e graus diferentes de movimento e atividade, conforme diferentes circunstâncias: elas são em número bem maior nos líquidos seminais dos dois sexos e nos germes das plantas do que nas outras partes do animal ou do vegetal; ali elas são ao menos mais aparentes e mais desenvolvidas, ou, se quisermos, ali elas estão acumuladas sob a forma desses pequenos corpos em movimento. Existe, portanto, nos vegetais e nos animais uma substância viva que lhes é comum, é essa substância viva e orgânica que é a matéria necessária à nutrição; o animal se nutre do animal ou do vegetal, assim como o vegetal pode também se nutrir do animal ou do vegetal decomposto: essa substância nutritiva comum a um e a outro é sempre viva, sempre ativa, ela produz o animal ou o vegetal quando encontra um molde interior, uma matriz conveniente e análoga a um e a outro, como explicamos nos primeiros capítulos; mas quando essa substância ativa se encontra reunida em grande abundância nos lugares em que ela pode se juntar, ela forma no corpo do animal outros animais tais quais a tênia, as ascárides, os vermes por vezes encontrados nas veias, nas cavidades do cérebro, no fígado etc. Essas espécies de animais não devem sua existência a outros animais da mesma espécie que eles, sua geração não se faz como a de outros animais; podemos, portanto, crer que são produzidos por essa matéria orgânica, quando ela extravasa ou quando não é bombeada pelos vasos que servem à nutrição do corpo do animal; é bem provável que então essa substância produtiva, que é sempre ativa, e que tende a se organizar, produz os vermes e os pequenos corpos organizados de diferente espécie, dependendo dos diferentes lugares, das diferentes matrizes em que ela se encontra reunida; na sequência, teremos ocasião de examinar mais em detalhe a natureza desses vermes e de vários outros animais que se formam da mesma maneira, e de fazer ver que a produção deles é muito diferente daquilo que se pensou até agora. (HN, II, cap. 8, p. 302 e segs.)

Livro II, Capítulo IX: “Do desenvolvimento e do crescimento do feto, do parto etc.”

Podemos distinguir, no desenvolvimento do feto, graus diferentes de crescimento em certas partes, que constituem, por assim dizer, espécies diferentes de desenvolvimento. O primeiro desenvolvimento que sucede à formação do feto não é um crescimento proporcional de todas as partes que o compõem; quanto maior a distância do tempo da formação, mais esse crescimento é proporcional em todas as partes, e não é senão depois de ter saído do seio da mãe que o crescimento de todas as partes do corpo se faz mais ou menos na mesma proporção. Não se deve portanto imaginar que o feto, no momento de sua formação, seja um homem infinitamente pequeno, cuja figura e forma sejam absolutamente semelhantes àquelas do homem adulto; é verdade que o pequeno embrião contém realmente todas as partes que devem compor o homem adulto, mas essas partes se desenvolvem sucessivamente e diferentemente umas das outras.

No corpo organizado, como o é de um animal, há partes mais essenciais que outras e, sem querer dizer que poderia haver ali partes inúteis ou supérfluas, podemos suspeitar que todas não são de uma necessidade igualmente absoluta, e que há algumas de que as outras parecem depender para o seu desenvolvimento e sua disposição. Poderíamos dizer que há partes fundamentais sem as quais o animal não pode se desenvolver, outras que são mais acessórias e mais exteriores, as quais parecem tirar sua origem das primeiras, e serem feitas tanto para o ornamento, a simetria e a perfeição exterior do animal quanto para a necessidade de sua existência e exercício das funções essenciais da vida. Essas duas espécies de partes diferentes se desenvolvem sucessivamente e são já quase todas igualmente aparentes, quando o feto sai do seio da mãe; mas há ainda outras partes, como os dentes, que a Natureza parece colocar em reserva para os fazer aparecer apenas ao termo de vários anos; há também aqueles, como os corpos glandulosos dos testículos das fêmeas, a barba dos machos etc. que só se mostram quando chega o tempo de produzir seu semelhante etc.

Parece-me que para reconhecer as partes fundamentais e essenciais do corpo do animal, é preciso prestar atenção ao número, à situação e à natureza de todas essas partes; as que são simples, aquelas cuja posição é invariável, aquelas cuja natureza é tal que o animal não pode existir sem elas, serão certamente as partes essenciais; aquelas, ao contrário, que são duplas, ou em grande número, aquelas cuja grandeza e posição variam e aquelas, enfim, que podemos tirar do animal sem lesá-lo, ou mesmo sem fazê-lo morrer, podem ser consideradas como menos necessárias e mais acessórias à máquina animal. Aristóteles diz que as únicas partes que seriam essenciais a todo animal eram aquela com a qual absorve seu alimento, aquela na qual o digere e aquela pela qual o torna supérfluo; a boca e o conduto intestinal, desde a boca até o ânus, são com efeito as partes simples, e que nenhuma outra pode suprir. [Aristóteles, *Partes dos animais*, “atributos análogos”, genéricos e específicos] A cabeça e a espinha dorsal também são partes simples cuja posição é invariável; a espinha dorsal serve de fundamento

ao vrigamento do corpo, e da medula alongada que ela contém dependem os movimentos e a ação da maioria dos membros e órgãos, sendo também esta parte uma das primeiras a aparecer no embrião; poder-se-ia mesmo dizer que é a primeira a aparecer, pois a primeira coisa que vemos na cicatrícula do ovo é uma massa alongada cuja extremidade que forma a cabeça só difere do total da massa por uma espécie de forma contornada e um pouco mais inchada que o resto [imagem 6]; ora, todas essas partes simples, e que são as primeiras a aparecer, são essenciais à existência, à forma e à vida do animal.

No corpo do animal há muito mais partes duplas que simples, e essas partes duplas parecem ter sido produzidas simetricamente de cada lado das partes simples, por uma espécie de vegetação, pois essas partes duplas são semelhantes pela forma, e diferentes pela posição. A mão esquerda, por exemplo, se assemelha à mão direita, porque é composta do mesmo número de partes, as quais, tomadas separadamente e comparadas uma a uma e várias a várias, não apresentam diferença alguma; no entanto, se a mão esquerda se encontrasse no lugar da direita, não poderíamos nos servir dela para o mesmo uso, e teríamos razão de considerá-la como um membro bastante diferente da mão direita; o mesmo se dá com todas essas partes duplas, elas são semelhantes na forma, e diferentes na posição; essa posição se reporta ao corpo do animal e, imaginando uma linha que divide o corpo de alto a baixo em duas partes iguais, podemos referir a essa linha, como a um eixo, a posição de todas essas partes semelhantes. A medula alongada, quando tomada do cérebro até sua extremidade inferior, e as vértebras que a contêm parecem ser o eixo real ao qual devemos referir todas as partes duplas do corpo animal, elas parecem tirar daí a sua origem e ser apenas os ramos simétricos que partem desse tronco ou base comum; pois vemos as costelas saírem de cada lado das vértebras no pintinho, e o desenvolvimento dessas partes duplas e simétricas se faz por uma espécie de vegetação, como a de diversos ramos que partissem de diversos botões dispostos regularmente dos dois lados de um galho principal. Em todos os embriões, as partes do meio da cabeça e das vértebras são as primeiras a aparecer, depois vemos, dos dois lados de uma vesícula que constitui o meio da cabeça, surgirem duas outras vesículas daquela primeira; essas duas vesículas contêm os olhos e as outras partes duplas da cabeça; do mesmo modo, vemos pequenas eminências surgir em número igual de cada lado das vértebras, se estender, ganhar crescimento e formar os lados e as outras partes duplas do tronco; em seguida, ao lado desse tronco já formado, vemos aparecer pequenas eminências semelhantes às primeiras, que se desenvolvem, crescem insensivelmente e formam as extremidades superiores e inferiores, isto é, os braços e as pernas. Esse primeiro desenvolvimento é bastante diferente daquele que ocorre em seguida; é uma produção de partes que parecem nascer e que aparecem pela primeira vez; a subsequente não passa de um desenvolvimento de todas as partes já nascidas e formadas miudamente, mais ou menos como elas devem ser quando grandes.

Essa ordem simétrica de todas as partes duplas se encontra em todos os animais; a regularidade da posição dessas partes duplas, a igualdade da sua extensão e do seu crescimento, tanto em massa como em volume, a perfeita semelhança entre

elas, tanto no todo quanto no detalhe das partes que as compõem, parecem indicar que tiram realmente sua origem das partes simples; [parecem indicar] que deve residir nessas partes simples uma força que age igualmente de cada lado ou, o que dá na mesma, que as partes simples são os pontos de apoio contra os quais se exerce a ação das forças que produzem o desenvolvimento dessas partes duplas; que a ação da força pela qual se opera o desenvolvimento da parte direita é igual à ação da força pela qual se faz o desenvolvimento da parte esquerda e que, por conseguinte, ela é contrabalançada por essa reação.

Daí se deve inferir que, se há algum defeito, algum excesso ou vício, na matéria que deve servir para formar as partes duplas, como a força que as impele de cada lado de sua base comum é sempre igual, o defeito, excesso ou vício deve se encontrar tanto à esquerda como à direita; e que, por exemplo, se por um defeito de matéria acontece de um homem ter somente dois dedos, em vez de cinco, na mão direita, ele terá não mais que dois na mão esquerda; ou então, se por um excesso de matéria orgânica, acontece de ele ter seis dedos numa das mãos, ele terá igualmente seis na outra; ou se, por qualquer vício, a matéria que deve servir à formação dessas partes duplas se encontra alterada, haverá a mesma alteração na parte direita como na esquerda. É o que também acontece com muita frequência, a maior parte dos monstros o é com simetria, o desarranjo das partes parece se fazer com ordem, e vemos, pelos erros mesmos da Natureza, que ela se equivoca sempre o menos possível.

Tal harmonia da posição, encontrada em todas as partes duplas dos animais, também se encontra nos vegetais; os ramos lançam botões de cada lado, as nervuras das folhas estão igualmente dispostas de cada lado da nervura principal; e ainda que a ordem simétrica pareça menos exata nos vegetais que nos animais, isso ocorre somente porque ela é mais variada, os limites da simetria são ali mais extensos e menos precisos; entretanto, se pode reconhecer facilmente essa ordem e distinguir as partes simples e essenciais daquelas que são duplas, e que devemos considerar como tirando sua origem das primeiras. Veremos em nosso discurso sobre os vegetais quais são as partes simples e essenciais do vegetal, e de que maneira se faz o primeiro desenvolvimento das partes duplas, a maioria das quais é apenas acessória.

Não é possível determinar sob que forma as partes duplas existem antes de seu desenvolvimento, de que maneira são dobradas umas sobre as outras, e qual é então a figura que resulta de sua posição em relação às partes simples; o corpo do animal, no instante de sua formação, contém certamente todas as partes que devem compô-lo, mas a posição relativa dessas partes deve ser bem diferente daquilo que se tornará na sequência; o mesmo ocorre com todas as partes do animal e do vegetal tomadas separadamente; observe-se apenas o desenvolvimento de uma pequena folha nascendo, e se verá que ela é dobrada dos dois lados da nervura principal, que essas partes laterais são como que superpostas, e que sua figura nesse momento não se assemelha de modo algum àquela que deve adquirir na sequência. Quando nos divertimos em dobrar o papel para formar em seguida, mediante certo desenvolvimento, formas regulares e simétricas, como espécies de coroas, caixas, navios etc., podemos

observar que os diferentes vincos que fazemos no papel parecem nada ter em comum com a forma que deve resultar do desenvolvimento; vemos apenas que esses vincos são feitos numa ordem sempre simétrica, e que se faz de um lado o que se acabou de fazer do outro; mas isso seria um problema acima da geometria conhecida determinar as figuras que podem resultar de todos os desenvolvimentos de um certo número de vincos dados. Tudo aquilo que se refere imediatamente à posição, falta absolutamente a nossas ciências matemáticas; essa arte, a que Leibniz chamou *Analysis situs*, ainda não nasceu, e no entanto essa arte, que nos faria conhecer as relações de posição entre as coisas, seria tão útil e talvez mais necessária às ciências naturais, que a arte que só tem por objeto a grandeza das coisas; pois temos com mais frequência de conhecer a forma do que a matéria. Quando, pois, se nos apresenta uma forma desenvolvida, nós não podemos reconhecer o que ela era antes de seu desenvolvimento; e, da mesma maneira, quando nos fazem ver uma forma envolta, quer dizer, uma forma em que as partes estão dobradas umas sobre as outras, não podemos julgar sobre o que ela deve produzir por tal ou qual desenvolvimento; não é, pois, evidente que não podemos julgar de maneira alguma a posição relativa dessas partes dobradas, compreendidas num todo que deve mudar de figura ao se desenvolver?

No desenvolvimento das produções da natureza não somente as partes dobradas e superpostas, como nos vincos de que falamos, tomam novas posições, mas adquirem ao mesmo tempo extensão e solidez; uma vez que não podemos determinar ao certo o resultado do desenvolvimento simples de uma forma envolta, como no pedaço de papel dobrado, em que há apenas uma mudança de posição entre as partes sem nenhum aumento ou diminuição do volume ou da massa de matéria, como nos seria possível julgar o desenvolvimento composto do corpo de um animal no qual a posição relativa das partes muda tanto quanto o volume e a massa dessas mesmas partes? Não podemos, portanto, raciocinar sobre isso senão tirando algumas induções do exame da coisa mesma nos diferentes tempos do desenvolvimento, e nos ajudando com observações feitas sobre o pintinho no ovo e sobre fetos recentemente formados, que os acidentes e os partos prematuros dão frequentemente ocasião de considerar.

2) *Os sentidos*

Buffon, *História Natural*

2.1 Do sentido da visão

“pois o primeiro defeito do sentido da visão é representar todos os objetos invertidos: antes de terem se assegurado, pelo tato, da posição das coisas e da posição de seus próprios corpos, as crianças veem embaixo tudo o que está no alto, e no alto tudo o que está embaixo: pelos olhos, portanto, eles têm uma ideia

falsa da posição dos objetos. Um segundo defeito, e que deve induzir as crianças noutra espécie de erro ou de falso julgamento, é que primeiramente eles veem todos os objetos duplos, porque uma imagem do mesmo objeto se forma em cada olho; ainda uma vez é somente pela experiência do tato que elas adquirem o conhecimento necessário para retificar esse erro e apreendem efetivamente a julgar como simples os objetos que lhes parecem duplos, esse erro de visão, tanto como o primeiro, é tão bem retificado posteriormente pela verdade do toque, que, embora vejamos com efeito todos os objetos duplos e invertidos, nós imaginamos, no entanto, vê-los realmente simples e corretos, e nos persuadimos de que a sensação pela qual vemos os objetos simples e corretos, a qual é apenas um juízo de nossa alma ocasionado pelo toque, é uma apreensão real produzida pelo sentido da visão: se fôssemos privados do toque, os olhos se enganariam, portanto, não somente sobre a posição, mas também sobre o número dos objetos.

O primeiro erro é consequência da conformação do olho, sobre o fundo do qual os objetos se pintam numa situação invertida, porque os raios luminosos que formam as imagens desses mesmos objetos não podem entrar no olho a não ser cruzando na pequena abertura da pupila: teremos uma ideia bem clara da maneira pela qual se faz essa inversão das imagens, se fazemos um pequeno buraco num lugar bem escuro, veremos que os objetos de fora se pintarão na parede dessa câmara escura numa situação inversa, porque todos os raios que partem de diferentes pontos do objeto não podem passar pelo pequeno buraco na posição e na extensão que têm ao partir do objeto, já que seria necessário então que o buraco fosse tão grande quanto o objeto mesmo; mas como cada parte, cada ponto do objeto envia as imagens de todos os lados, e como os raios que formam essas imagens partem de todos os pontos do objeto, como o mesmo tanto de centros, só aqueles que chegam de direções diferentes podem passar pelo pequeno buraco; o pequeno buraco se torna um centro para o objeto inteiro, ao qual os raios da parte do alto chegam tanto quanto os da parte de baixo, em direções convergentes, por conseguinte eles se cruzam nesse centro, e pintam a seguir os objetos numa situação invertida. Também é bem fácil de se convencer que vemos realmente os objetos duplos, embora os julguemos simples: para isso, basta olhar o mesmo objeto, primeiro com o olho direito, e o veremos corresponder a algum ponto da parede ou dum plano que supomos

além do objeto; em seguida, olhando-o com o olho esquerdo, veremos que ele corresponde a outro ponto da parede, e, por fim, olhando-os com os dois olhos, nós o veremos no meio entre os dois pontos aos quais ele correspondia antes; assim, forma-se uma imagem em cada um de nossos olhos, vemos o objeto duplicado, isto é, vemos uma imagem desse objeto à direita e uma imagem à esquerda, e o julgamos simples e no meio, porque retificamos esse erro da vista pelo sentido do tato. Da mesma maneira, se vemos com os dois olhos dois objetos que estão mais ou menos na mesma direção com relação a nós, fixando os olhos no primeiro, que está mais perto, nós o veremos simples, mas, ao mesmo tempo, veremos duplicado aquele que está mais distante, e, ao contrário, se fixamos os olhos naquele que está mais afastado, nós o veremos simples, ao mesmo tempo que duplicado o objeto mais próximo; isso prova ainda evidentemente que vemos, com efeito, todos os objetos duplicados, embora os julgemos simples, e que os vemos onde não estão realmente, ainda que julgemos onde efetivamente estão. Se, portanto, o sentido do tato não retificasse o sentido da visão em todas essas ocasiões, nós nos enganaríamos sobre a posição dos objetos, sobre seu número e, ainda, sobre o seu lugar; nós os julgaríamos invertidos, duplos, e à direita ou à esquerda do lugar que realmente ocupam, e se ao invés de dez olhos tivéssemos cem, nós julgaríamos os objetos simples, ainda que os víssemos multiplicados por cem.” (HN, III, p. 307)

2.2) *O tato*

Não podemos ter nenhuma ideia de distância pelo sentido da visão; sem o tato, todos os objetos nos parecerão estar em nossos olhos, porque as imagens desses objetos estão efetivamente neles; e uma criança que ainda não tocou em nada, deve ser afetada como se todos esses objetos estivessem nela mesma, ela os vê somente maiores ou menores conforme se aproximem ou se afastem de seus olhos; uma mosca que se aproxima de seu olho deve lhe parecer um animal de um tamanho enorme, um cavalo ou um boi que está afastado dela, lhe parece menor que a mosca; assim, por esse sentido não pode haver nenhum conhecimento da grandeza relativa dos objetos, porque não há nenhuma ideia da distância na qual ele os vê; somente depois de ter medido a distância estendendo a mão ou transportando seu corpo de um lugar a outro ela pode

adquirir essa ideia da distância e da grandeza dos objetos; antes, ela não conhece de modo algum essa distância e não pode julgar sobre a grandeza de um objeto a não ser por aquela imagem que forma em seu olho. Nesse caso, o juízo da grandeza só é produzido pela abertura do ângulo formado pelos raios extremos da parte superior e da parte inferior do objeto, por conseguinte ele deve julgar grande tudo o que está perto, e pequeno tudo o que está longe dele, mas, depois de ter adquirido essas ideias de distância pelo tato, o julgamento da grandeza dos objetos começa a se retificar, não mais nos fiamos à primeira apreensão que nos vem pelos olhos para julgar sobre o tamanho, tratamos de conhecer a distância, procuramos ao mesmo tempo reconhecer o objeto pela sua forma e, em seguida, julgamos o seu tamanho. (HN, III, p. 312-313)

2.3) *Do sentido da audição*

Como o sentido da audição tem em comum com o da visão nos dar a sensação das coisas afastadas, ele está sujeito a erros semelhantes e deve nos enganar todas as vezes que não podemos retificar pelo tato as ideias que produz: da mesma maneira que o sentido da visão não nos dá nenhuma ideia dos objetos, o sentido da audição não nos dá nenhuma ideia da distância dos corpos que produzem o som; um grande barulho bem distante e um pequeno barulho bem perto produzem a mesma sensação, e a menos que tenhamos determinado a distância pelos outros sentidos, não sabemos que o que ouvimos é efetivamente um barulho grande ou pequeno.

Todas as vezes que ouvimos um som desconhecido, não podemos, portanto, julgar a distância por esse som, tampouco como a quantidade de ação do corpo que o produz, mas, desde que possamos relacionar esse som a uma unidade conhecida, isto é, desde que possamos saber que esse barulho é de tal ou tal espécie, podemos então julgar aproximadamente não só a distância, mas ainda a quantidade de ação; por exemplo, se ouvimos um tiro de canhão ou o som de um campanário, como esses efeitos são barulhos que podemos comparar com barulhos da mesma espécie que ouvimos anteriormente, podemos julgar grosseiramente sobre a distância em que nos encontramos do canhão ou do campanário, assim como de seu tamanho, isto é, a quantidade de ação. (HN, III, p. 335)

Poderiam me dizer que não é muito concebível como uma proporção pode causar prazer, e que não se vê porque tal relação, por ser exata, é mais agradável que tal outra que não pode ser medida exatamente. Responderei que é, entretanto, nessa justeza de proporção que consiste a causa do prazer, pois que todas as vezes que nossos sentidos são sacudidos dessa maneira, disso resulta um sentimento agradável, e, ao contrário, eles são sempre afetados desagradavelmente pela desproporção; podemos nos lembrar do que dissemos a respeito do cego de nascença a quem o sr. Cheselden deu a visão suprimindo-lhe a catarata; os objetos que lhe eram mais agradáveis quando começou a ver eram as formas regulares e unidas, os corpos pontudos e irregulares eram objetos desagradáveis para ele; não se pode, pois, duvidar que a ideia de beleza e o sentimento de prazer que nos ocorre pelos olhos nasce da proporção e da regularidade; o mesmo se dá com o tato, as formas iguais, redondas e uniformes nos causam mais prazer ao tato que os ângulos, as pontas e as desigualdades dos corpos ásperos; se, portanto, o prazer do tato tem por causa, tanto quanto o prazer da visão, a proporção dos corpos e dos objetos, por que o prazer do ouvido não viria da proporção dos sons?,” (HN, III, p. 341-342)

A audição é bem mais necessária ao homem que aos animais; tal sentido não é nestes senão uma propriedade passiva capaz somente de lhes transmitir as impressões estranhas. No homem, ela não é somente uma propriedade passiva, mas uma faculdade que se torna ativa pelo órgão da palavra; é, com efeito, por meio desse sentido que vivemos em sociedade, que recebemos o pensamento dos outros, e que podemos lhes comunicar o nosso, os órgãos da voz seriam instrumentos inúteis se não fossem postos em movimento por esse sentido; um surdo de nascença é necessariamente mudo, ele não deve ter nenhum conhecimento das coisas abstratas e gerais. (HN, III, p. 347-348)

2.4) *Do sentido em geral [A estátua, o primeiro homem ou o mito de Adão]*

O corpo animal é composto de várias matérias diferentes, algumas das quais são insensíveis, como os ossos, a gordura, o sangue, a linfa etc., enquanto outras, como as membranas e nervos, parecem ser matérias ativas, das quais dependem o jogo de todas as partes e a ação de todos os membros; os nervos, sobretudo,

são o órgão imediato do sentimento, que se diversifica e muda, por assim dizer, de natureza dependendo de sua diferente composição, de modo que, segundo a posição, o arranjo e a qualidade deles, eles transmitem à alma espécies diferentes de sentimento, que distinguimos pelo nome de sensações, as quais efetivamente não tem nada de semelhante entre si. Todavia, se prestamos atenção a que todos os sentidos externos têm um sujeito comum, e que todos eles não passam de membranas nervosas diferentemente dispostas e situadas, que os nervos são o órgão geral do sentimento, que no corpo animal nenhuma outra matéria, afora os nervos, tem essa propriedade de produzir o sentimento, seremos levados a crer que os sentidos, tendo todos um princípio comum e não sendo senão formas variadas da mesma substância e, numa palavra, senão nervos diferentemente ordenados e dispostos, as sensações que deles resultam não são assim tão essencialmente diferentes entre si quanto parecem. O olho deve ser visto como uma expansão do nervo óptico, ou antes, o olho mesmo não é senão o desabrochamento de um feixe de nervos, o qual, estando exposto ao exterior mais que qualquer outro nervo, é também aquele que tem o sentimento o mais vivo e o mais delicado; ele será, portanto, sacudido pelas menores partes da matéria, tais como as da luz, e nos dará, conseqüentemente, uma sensação de todas as substâncias as mais distantes, desde que estas sejam capazes de produzir ou de refletir essas pequenas partículas de matéria. Como não é um órgão tão exterior como o olho, e como não há nele um desenvolvimento tão grande de nervos, o ouvido não terá o mesmo grau de sensibilidade e não poderá ser afetado por partes de matéria tão pequenas como aquelas da luz, mas o será por partes mais grossas, aquelas que formam o som, e ele nos dará ainda uma sensação das coisas afastadas que poderão por em movimento essas partes da matéria; como elas são bem maiores que as da luz e têm menos velocidade, elas não poderão se espalhar senão a pequenas distâncias e, por conseguinte, o ouvido só nos dará a sensação de coisas bem menos afastadas que aquelas cuja sensação nos é dada pelo olho. A membrana que é a sede do olfato, sendo ainda menos fornida de nervos que aquela que constitui a sede da audição, só nos dará a sensação das partes da matéria que são mais grossas e mais distantes, como são as partículas odorantes dos corpos, as quais são provavelmente as da essência que é exalada e boia, por assim dizer, no ar, como os corpos leves nadam na água, e uma vez que os nervos são ainda em menor quantidade, e uma vez que

são mais divididos no palato e na língua, as partículas odorantes não são tão fortes para sacudir esse órgão, é preciso que essas partes oleosas ou salinas se destaquem dos outros corpos e se detenham na língua para produzir uma sensação que é chamada de gosto, e que difere principalmente do olfato, porque esse último sentido nos dá a sensação das coisas a uma certa distância, enquanto o gosto não a pode nos dar a não ser por uma espécie de contato que se opera mediante a fusão de certas partes da matéria, tais como os sais, os óleos etc. Enfim, como os nervos são o que mais possivelmente se pode dividir, e como são muito ligeiramente espalhados pela pele, nenhuma parte tão pequena como aquelas que forma a luz ou os sons, os odores ou sabores não poderá sacudi-los nem afetá-los de uma maneira sensível, sendo necessárias partes muito grossas de matéria, isto é, corpos sólidos, para que possam ser afetados; também o senso do tato não nos dá nenhuma sensação das coisas distantes, mas somente daquelas cujo contato é imediato. Parece-me, portanto, que a diferença que há entre os sentidos decorre apenas da posição mais ou menos exterior dos nervos, e de sua maior ou menor quantidade nas diferentes partes que constituem os órgãos.” (HN, III, p. 352-355)

Toda a diferença encontrada em nossas sensações decorre, portanto, somente do número maior ou menor, e da posição mais ou menos exterior dos nervos, o que faz que alguns desses sentidos possam ser afetados por pequenas partículas de matéria que emanam dos corpos, como o olho, o ouvido e o olfato, enquanto os outros por partes mais grossas, que se destacam do corpo por meio do contato, como o gosto, e os outros pelos corpos ou mesmo por emanações dos corpos, quando estão bem reunidas e são bastante abundantes para formar uma espécie de massa sólida, como o tato, que nos dá as sensações da solidez, da fluidez e do calor dos corpos.

Um fluido difere dum sólido, porque não tem nenhuma parte tão grande para que possamos apreendê-la e tocá-la por diferentes lados de uma só vez; as partículas que os compõem não podem ser tocadas pelas partículas vizinhas a não ser num ponto ou num número tão pequeno de pontos, que nenhuma parte pode ter aderência com outra parte. Os corpos sólidos reduzidos a pó, mesmo impalpável, não perdem absolutamente sua solidez, porque as partes se tocam por vários lados, conservam a aderência entre si, o que torna possível fazer

massas e comprimi-las para apalpá-las em grande quantidade de uma só vez. O senso do tato está espalhado por todo o corpo, mas ele se exerce diferentemente nas diferentes partes. O sentimento que resulta do toque não pode ser excitado a não ser pelo contato e pela aplicação imediata da superfície de qualquer corpo estranho sobre a do nosso próprio corpo; aplicando-se um corpo estranho contra o peito ou sobre os ombros de um homem, ele o sentirá, isto é, saberá que há um corpo estranho que o toca, mas não terá ideia alguma da forma desse corpo, porque o peito ou os ombros não tocam o corpo a não ser num único plano, não podendo resultar daí nenhum conhecimento da figura desse corpo; o mesmo sucede com todas as partes do corpo que não podem se ajustar à superfície dos corpos estranhos e se dobrar para abraçar várias partes de sua superfície de uma só vez, essas partes de nosso corpo não podem, portanto, nos dar nenhuma ideia justa da forma deles; mas aquelas que, como a mão, são divididas em várias pequenas partes flexíveis e móveis, e que podem, por conseguinte, se aplicar ao mesmo tempo sobre diferentes planos da superfície dos corpos, são aquelas que nos dão de fato as ideias da forma e da grandeza deles.

Não é, portanto, unicamente porque há uma maior quantidade de borlas nervosas nas extremidades dos dedos que nas outras partes do corpo, não é, como se pretende vulgarmente, porque a mão tem o sentimento mais delicado que ela é efetivamente o órgão principal do tato, poder-se-ia dizer, ao contrário, que há partes mais sensíveis e cujo tato é mais delicado, como os olhos, a língua etc., mas é unicamente porque a mão é dividida em diversas partes móveis, todas elas flexíveis, todas elas agindo ao mesmo tempo e obedecendo à vontade, que ela é o único órgão que nos dá ideias distintas da forma dos corpos; o tato não passa de um contato de superfície, computando a superfície da mão e dos cinco dedos, descobriremos que é maior em proporção que a de toda outra parte do corpo, porque não há nenhuma que seja tão dividida; assim, ela tem de início a vantagem de poder apresentar mais superfície aos corpos estranhos, em seguida os dedos podem se estender, se encurtar, de dobrar, se separar, se juntar e se ajustar a toda espécie de superfície; outra vantagem que bastará para tornar essa parte o órgão desse sentimento exato e preciso que é necessário para nos dar a ideia da forma dos corpos. Se a mão tivesse ainda um número maior de partes, se fosse, por exemplo, dividida em vinte dedos, se esses dedos tivessem um

número maior de articulações e movimentos, não se pode duvidar que o sentimento do tato seria infinitamente mais perfeito nessa conformação do que o é, porque essa mão poderia se aplicar então muito mais imediatamente e muito mais precisamente às diferentes superfícies dos corpos; e se supuséssemos que ela fosse dividida num infinidade de partes, todas elas móveis e flexíveis, e que todas elas pudessem se aplicar ao mesmo tempo sobre todos os pontos da superfície dos corpos, semelhante órgão seria uma espécie de geometria universal (se assim posso me exprimir), com o auxílio da qual teríamos, no momento mesmo do apalramento, ideias exatas e precisas da figura de todos os corpos, e da diferença, inclusive infinitamente pequena, entre essas figuras; se, ao contrário, a mão não tivesse dedos, ela só poderia nos noções bem imperfeitas da formas das coisas as mais palpáveis e não teríamos senão um conhecimento bastante confuso dos objetos que nos circundam, ou ao menos nos seria necessário muito mais experiências e tempo para adquiri-las.

Os animais que têm mãos parecem ser os mais espirituais: os macacos são coisas tão semelhantes às ações mecânicas do homem, que parecem ter por causa a mesma sequência de sensações corporais: todos os outros animais privados desse órgão não podem ter nenhum conhecimento bem distinto da forma das coisas; como não podem apanhar nada e não têm nenhuma parte tão dividida e tão flexível para poder se ajustar à superfície dos corpos, eles certamente não têm nenhuma noção precisa da forma, nem tampouco da grandeza desses corpos, é por isso que os vemos frequentemente incertos ou assustados com o aspecto das coisas que deveriam conhecer melhor e que lhes são as mais familiares. O principal órgão do seu tato está no focinho, porque essa parte é dividida em duas pela boca, e como a língua é uma outra parte que lhes serve ao mesmo tempo para tocar os corpos, tal como os vemos volver e revolver antes de apanhá-los com os dentes, podemos também conjecturar que os animais que, como as sibas, os pólipos e outros insetos, têm um grande número de braços ou de patas, que eles podem reunir e juntar, e com as quais podem prender os corpos estranhos por diferentes lugares, que esses animais, digo, têm vantagem sobre os outros e que conhecem e escolhem muito melhor as coisas que lhes convêm. Os peixes, cujo corpo é coberto de escamas e não podem se dobrar, devem ser os mais estúpidos de todos os animais, pois não podem ter nenhum conhecimento da forma dos corpos, já que não têm nenhum meio de abraça-los

e, além disso, a impressão do sentimento deve ser muito fraca, e o sentimento bastante obtuso, porque só podem sentir através das escamas: assim, todos os animais cujo corpo não tem extremidades que podemos ver como partes divididas, tais como braços, pernas, patas etc., terão muito menos sentimento pelo tato que os outros; as serpentes são, no entanto, menos estúpidas que os peixes, porque, ainda que não tenham extremidades e sejam recobertas de uma pele dura e escamosa, elas têm a faculdade de dobrar seus corpos em vários sentidos sobre os corpos estranhos e, por conseguinte, de apanhá-los de alguma maneira e de tocá-los muito melhor do que os peixes, cujo corpo não pode se dobrar.

Os dois grandes obstáculos ao exercício do sentido tátil são, pois, em primeiro lugar a uniformidade da forma do corpo do animal ou, o que é a mesma coisa, a falta de partes diferentes, divididas e flexíveis; e, em segundo lugar, o revestimento da pele, seja por pelo, plumas, escamas, invólucros, conchas etc.; mais esse revestimento será duro e sólido, menos o sentimento do tato poderá se exercer, mais, ao contrário, a pele será fina e delgada, mais o sentimento será vivo e refinado. Entre outras, as mulheres têm sobre os homens a vantagem de ter a pele mais bela e o tato mais delicado.

O feto, no seio da mãe, tem a pele muito delgada, ele deve sentir vivamente, portanto, todas as impressões exteriores, mas como nada num licor, e como os líquidos recebem e rompem a ação de todas as causas que podem ocasionar choques, só raramente ele pode ser tocado e apenas por golpes ou esforços muito violentos; ele é, portanto, muito pouco exercitado nessa parte mesma do tato, que depende apenas da fineza da pele e é comum ao corpo todo; como não faz uso de suas mãos, ele não pode ter sensações, nem adquirir nenhum conhecimento no seio de sua mãe, a menos que se queira supor que pode tocar com as mãos diferentes partes de seu corpo, como o rosto, o peito, os joelhos; pois frequentemente encontramos as mãos do feto abertas ou fechadas, direcionadas contra seu rosto. Na criança recém-nascida, as mãos permanecem tão inativas quanto no feto, porque não se lhe dá a liberdade de se servir delas antes de seis ou sete semanas, os braços são enfaixados junto com o resto do corpo até esse momento, e não sei explicar esse costume. É certo que assim se retarda o desenvolvimento desse senso importante, do qual todos os nossos conhecimentos dependem, e que se faria bem deixar que a criança usasse

livremente as suas mãos desde o momento em que nasce, ela adquiriria mais cedo as primeiras noções das formas das coisas, e quem sabe até que ponto essas primeiras ideias influenciam as outras? Um indivíduo não tem talvez mais espírito que outro a não ser por ter feito em sua primeira infância um uso maior e mais rápido desse sentido; desde que as crianças tenham a liberdade de se servir das mãos, elas não tardam a fazer grande uso delas, procuram tocar tudo o que se lhes apresenta; vê-se que se divertem e sentem prazer em manejar as coisas que sua pequena mão consegue pegar, parece que procuram conhecer a forma dos corpos tocando-os de todos os lados e durante um tempo considerável; divertem-se assim ou, antes, se instruem a respeito de coisas novas. Nós mesmos, no restante da vida, se refletimos sobre isso, nos divertimos de outra maneira que fazendo ou tentando fazer alguma coisa de novo?

É somente pelo toque que podemos adquirir conhecimentos completos e reais, é esse sentido que retifica todos os outros sentidos de que os efeitos seriam apenas ilusões e só produziriam erros em nossa mente se o tato não nos ensinasse a julgar. Mas como se faz o desenvolvimento desse sentido importante? Como nossos primeiros conhecimentos chegam a nossa alma? Não esquecemos tudo o que se passou nas trevas de nossa infância? Como redescobrimos o primeiro traço de nossos pensamentos? Não é temeridade querer remontar até ele? Se a coisa fosse menos importante, teríamos razão de nos censurar; mas ela é talvez mais digna de nos ocupar que qualquer outra, e não sabemos que devemos fazer esforços todas as vezes que queremos alcançar um grande objeto?

Imagino, portanto, um homem tal que podemos crer que tenha sido o primeiro homem no momento da criação, isto é, um homem cujo corpo e cujos órgãos seriam perfeitamente formados, mas que fosse despertado de novo para si mesmo e para tudo aquilo que o cerca. Quais seriam os seus primeiros movimentos, as suas primeiras sensações, os seus primeiros juízos? Se esse homem pudesse nos contar a história de seus primeiros pensamentos, que teria ele a nos dizer? Qual seria essa história? Não posso me dispensar de fazer com que ele mesmo fale, a fim de tornar os fatos mais sensíveis: essa narrativa filosófica será curta, não será uma digressão inútil. Lembro-me desse instante pleno de alegria e de perturbação em que senti pela primeira vez a minha existência singular; eu não sabia o que eu era, onde estava, de onde vinha. Abri

os olhos, que acréscimo de sensação! A luz, a abóboda celeste, o verdor da terra, o cristal das águas, tudo me ocupava, me animava e me dava um sentimento inexprimível de prazer; acreditei de início que todos esses objetos estavam em mim e faziam parte de mim. Firmei-me nesse pensamento nascente quanto voltei os olhos para o astro da luz, seu brilho me feriu; fechei involuntariamente a pálpebra e senti uma leve dor. Nesse momento de obscuridade, cri ter perdido quase todo meu ser. Afligido, preso de espanto, pensei nessa grande mudança, quanto de súbito ouvi sons; o canto dos pássaros, o murmúrio dos ventos formavam um concerto cuja doce impressão me remexia até o fundo da alma; escutei longamente e logo me persuadi de que essa harmonia era eu. Atento, inteiramente ocupado desse novo gênero de existência, esquecia já a luz, essa outra parte de meu ser que havia conhecido primeiro, quando reabri os olhos. Que alegria, me reencontrar de posse de tantos objetos brilhantes! Meu prazer suplantou tudo o que havia sentido da primeira vez e suspendeu por um tempo o efeito encantador dos sons. Fixei meus olhos em mil objetos diversos, apercebi-me logo de que podia perder e reencontrar esses objetos, e que tinha o poder de destruir e de reproduzir ao bel prazer essa bela parte de mim mesmo, e ainda que ela me parecesse imensa em tamanho pela quantidade de acidentes da luz e pela variedade das cores, cri reconhecer que tudo estava contido numa porção de meu ser. Comecei a ver sem emoção e a ouvir sem perturbação, quando um leve vento de que senti o frescor me trouxe perfumes que me causaram um desafogo íntimo e me deram um sentimento de amor por mim mesmo. Agitado por todas essas sensações, pressionado pelos prazeres de uma existência tão bela e tão grande, levantei-me de súbito e me senti transportado por uma força desconhecida. Não dei mais que um passo, a novidade de minha situação me tornou imóvel, minha surpresa foi extrema, acreditei que minha existência me fugia, o movimento que tinha feito confundiu os objetos, imaginei que tudo estava em desordem.

Levei a mão à cabeça, toquei-me a fronte e os olhos, percorri meu corpo, minha mão me pareceu então ser o principal órgão de minha existência; o que sentia nessa parte era tão distinto e tão completo, a fruição me parecia tão perfeita em comparação com o prazer que me fora causado pela luz e pelos sons, que me apeguei inteiro a essa parte sólida de meu ser, e senti que minhas ideias ganhavam profundidade e realidade. Tudo o que eu tocava em mim parecia dar sentimento

por sentimento a minha mão, e cada apalpamento produzia uma ideia dupla em minha alma. Não passei muito tempo sem me aperceber de que essa faculdade de sentir estava espalhada por todas as partes de meu ser, logo reconheci os limites de minha existência, que havia me parecido primeiro imensa em extensão. Lancei os olhos em meu corpo, julguei-o de um volume enorme e tão grande, que, em comparação, todos os objetos que haviam me tocado os olhos não pareciam senão pontos luminosos. Examinei-me por longo tempo, olhava-me com prazer, seguia minha mão com o olho e observava os seus movimentos; tive as ideias mais estranhas a esse respeito, acreditava que o movimento de minha mão era apenas uma espécie de existência fugitiva, uma sucessão de coisas semelhantes; aproximei-a dos olhos, ela então me pareceu maior que todo o meu corpo e fez desaparecer de minha vista um número infinito de objetos.

Comecei a suspeitar que havia ilusão nessa sensação que me vinha pelos olhos; eu tinha visto distintamente que minha mão era apenas uma pequena parte de meu corpo, e não podia compreender que ela fosse aumentada a ponto de me parecer de um tamanho desmesurado; resolvi, portanto, de me fiar unicamente ao tato, que ainda não me havia enganado, e de me pôr em guarda contra todas as outras maneiras de sentir e de ser. Essa precaução me foi útil, eu me pus novamente em movimento e caminhei de cabeça erguida e alçada para o céu, quando topei levemente contra uma palmeira; tomado de assombro, levei a mão até aquele corpo estranho, julguei-o tal, porque ele não me retribuía sentimento por sentimento; desviei-me com uma espécie de horror, e conheci pela primeira vez que havia alguma coisa fora de mim. Mais agitado por essa nova descoberta do que o fora por todas as outras, tive dificuldade em me tranquilizar, e depois de ter meditado sobre esse acontecimento, conclui que devia julgar sobre os objetos exteriores como havia julgado sobre as partes de meu corpo, e que só o tato podia me assegurar da existência deles. Procurei, portanto, tocar tudo o que via, quis tocar o sol, estendi meu braço para abraçar o horizonte, e não encontrei senão o vazio do ar. Eu ia de surpresa em surpresa a cada experiência que empreendia, pois todos os objetos me pareciam estar igualmente perto de mim, e somente após uma infinidade de provas aprendi a me servir dos olhos para guiar minha mão, e como ela me dava ideias inteiramente diferentes das impressões que recebia pelo sentido da visão, minhas sensações não estando em acordo entre si, meus julgamentos eram somente mais imperfeitos, e o conjunto

de meu ser era ainda para mim apenas uma existência em confusão. Profundamente ocupado de mim, daquilo que era, daquilo que poderia ser, as contrariedades que acabava de experimentar me humilhavam, quanto mais eu refletia, mais se apresentavam dúvidas; cansado de tantas incertezas, fatigado dos movimentos de minha alma, meus joelhos se dobraram e me vi numa situação de repouso. Esse estado de tranquilidade deu novas forças a meus sentidos, estava sentado à sombra de uma bela árvore, os frutos de uma cor vermelha desciam em forma de cacho ao alcance da mão, eu os toquei levemente, e eles se separavam imediatamente do galho, como o figo dele se separa quando está maduro. Peguei um desses frutos, imaginando-me ter feito uma conquista, e me glorifiquei pela faculdade que sentia, de poder conter na mão um ser inteiro; seu peso, embora pouco sensível, me pareceu uma resistência animada que me causava prazer vencer. Aproximei o fruto dos olhos, considerei-lhe a forma e as cores, um odor delicioso me fez aproximá-lo ainda mais, ele se encontrava perto de meus lábios, eu puxava o perfume em longas inspirações e o experimentava a longos tragos os prazeres do olfato; eu estava inteiramente tomado desse ar em bálsamo, minha boca se abria para exalá-lo, ela se abria para captá-lo de novo, eu sentia que possuía um olfato interior mais fino, mais delicado ainda que o primeiro e, enfim, o experimentei! Que sabor! Que sensação nova! Até ali eu tivera apenas prazeres, o gosto me deu o sentimento da volúpia, a intimidade do gozo fez nascer a ideia da posse, acreditei que a substância desse fruto tinha se tornado minha, e que eu era senhor de transformar os seres. Lisonjeado com a ideia desse poder, incitado pelo prazer que havia sentido, colhi um segundo e um terceiro fruto, e não me cansava de exercer minha mão para satisfazer meu gosto; como, no entanto, um langor agradável tomou pouco a pouco conta de todas os meus sentidos, entorpeceu-me os membros e suspendeu a atividade de minha alma, julguei sua inação pela moleza de meus pensamentos, minhas sensações embotadas arredondavam todos os objetos e me apresentavam somente imagens fracas e mal delimitadas; nesse instante, meus olhos tornados inúteis se fecharam, e minha cabeça, não sustentada senão pela força dos músculos, pendeu para encontrar apoio sobre a relva. Tudo se apagou, tudo desapareceu, o traço de meus pensamentos foi interrompido, perdi o sentimento de minha existência: o sono foi profundo, mas não sei se de longa duração, porque não tinha ainda a ideia do tempo e não podia medi-lo; meu despertar foi

apenas um segundo nascimento e senti apenas que havia cessado de ser. O aniquilamento que acabara de experimentar me deu certa ideia de temor e me fez sentir que eu não devia existir sempre. Tive outra inquietude, eu não sabia se tinha deixado no sono alguma parte de meu ser, experimentei meus sentidos, procurei me reconhecer. Mas enquanto percorria com os olhos os limites de meu corpo para me assegurar de que minha existência me restara inteira, qual não foi minha surpresa se ver a meu lado uma forma semelhante à minha! Tomei-a por um outro eu mesmo, em vez de perder algo enquanto eu cessava de ser, acreditei me ter duplicado. Levei minha mão até esse novo ser, que arrebatamento! Aquilo não era eu, era mais que eu, melhor que eu, acreditei que minha existência devia mudar de lugar e passar inteira a essa segunda metade de mim mesmo. Senti que se animava sob minha mão, vi que pensava em meus olhos, os seus fizeram correr-me uma nova fonte de vida pelas veias, eu teria querido lhe dar todo o meu ser; essa vontade viva completou minha existência, senti nascer um sexto sentido. Nesse instante, o astro do dia apagou sua chama ao fim de seu curso, mal percebi que perdia o sentido da vista, eu existia em demasia para temer cessar de ser, e foi em vão que a obscuridade em que eu encontrava me recordou a ideia de meu primeiro sono. (HN, III, p. 356-370).

3) *Protótipo*

Há na natureza um protótipo geral em cada espécie, sobre o qual cada indivíduo é modelado, mas que parece, realizando-se, se alterar ou se aperfeiçoar de acordo com as circunstâncias; de modo que, no que se refere a certas qualidades, há na sucessão de indivíduos uma variação bizarra em aparência e, ao mesmo tempo, uma constância que parece admirável na espécie inteira: o primeiro animal, o primeiro cavalo, por exemplo, foi o modelo exterior e o molde interior [*moule intérieur*] sobre o qual foram formados todos os cavalos que nasceram, todos os que existem e todos os que nascerão: mas esse modelo, de que conhecemos apenas as cópias, pôde se alterar ou se aperfeiçoar ao comunicar sua forma e se multiplicar: a marca originária [*empreinte originaire*] subsiste inteira em cada indivíduo; mas, ainda que haja milhões deles, nenhum desses indivíduos é semelhante em tudo a outro indivíduo, nem, por conseguinte, ao modelo de que porta a marca: essa diferença, que prova o quanto a Natureza está distante de fazer algo absoluto e quanto sabe nuançar suas obras, se encontra na espécie

humana, nas de todos os animais, de todos os vegetais, numa palavra, de todos os seres que se reproduzem; e o singular é que parece que o modelo do belo e do bom está disperso por toda a Terra, e em cada clima só subsiste dele uma porção que sempre degenera, a menos que ela se reúna com outra porção tomada de longe; de modo que, para ter um bom grão, belas flores etc., é preciso permutar as sementes e jamais semeá-las no mesmo terreno que as produziu; e, da mesma maneira, para ter bons cavalos, bons cães etc., é preciso dar às fêmeas do país machos estrangeiros e, reciprocamente, aos machos do país, fêmeas estrangeiras; sem isso, os grãos, as flores, os animais degeneram ou, antes, adquirem uma tinteira tão forte do clima, que a matéria predomina sobre a forma e parece abastardá-la; a marca permanece, mas desfigurada por todos os traços que não lhe são essenciais; mesclando, ao contrário, as raças e, sobretudo, renovando-as sempre pelas raças estrangeiras, a forma parece se aprimorar, e a Natureza se reabilitar e dar tudo o que pode produzir de melhor. (Buffon, HA, p. 528-529)

O boi também nos é tão útil quanto o cavalo, porque nos serve de alimento; entretanto, um belo boi é apenas um boi grande e gordo: vimos, ao contrário, na história natural do cavalo, de quantas condições depende a beleza deste animal, que o senhor de Buffon representou no estado da bela natureza. Estabeleceram-se regras para julgar a beleza dos cavalos, mas determinando-se todas as proporções do seus corpos, não se teve em vista apenas a elegância de seu talhe, consideraram-se também os diferentes usos para os quais empregamos esses animais; assim, todas as proporções pelas quais os seus corpos se enfraquecem ou se tornam pesados, todas as proporções que os tornam menos apropriados para o serviço ou malsãos, não é um defeito menor do que aquela que lhe causaria uma deformidade. Seguindo as observações dos melhores treinadores [*écuyers*], vou expor os meios de conhecer alguns desses defeitos e de julgar as imperfeições que desfiguram a maior parte dos cavalos; pois a perfeição e a beleza são muito raras em qualquer gênero. (Daubeton, Descrição do cavalo, p. 280)

4) Superioridade do homem

Mas como o homem não é um simples animal, como sua natureza é superior à dos animais, devemos nos dedicar a demonstrar a causa dessa superioridade, e estabelecer, por meio de provas claras e sólidas, o grau preciso dessa inferioridade da natureza dos animais, a fim de distinguir o que pertence apenas ao homem daquilo que lhe pertence em comum com o animal.” (“Discurso sobre a natureza dos animais”. *História natural dos animais*, IV, 1753. *Oeuvres*, p. 432)

4.1) Superioridade do homem, proximidade com o divino, “sentido profundo da anatomia humana”

Tudo anuncia, nesses dois senhores da natureza [homem e mulher], tudo marca no homem, mesmo pelo exterior, a sua superioridade sobre todos os seres vivos; ele se mantém ereto e elevado, sua atitude é de comando, sua cabeça olha o céu e apresenta uma face augusta sobre a qual está impresso o caráter de sua dignidade; nela, a imagem da alma está pintada pela fisionomia, a excelência da sua natureza atravessa seus órgãos materiais e anima com um fogo divino os traços de seu rosto; seu porte majestoso, seu andar firme e audaz anunciam sua nobreza e sua posição [*rang*]; ele toca a terra apenas com suas extremidades mais distantes, ele não a vê senão de longe, e parece desdenhá-la; os braços não lhe são dados para servir de pilares de apoio para a massa de seu corpo, sua mão não deve calcar a terra e perder, por fricções reiteradas, a fineza do tato, da qual ela é o órgão principal; o braço e a mão são feitos para servir a usos mais nobres, para executar as ordens da vontade, para apanhar as coisas distantes, para afastar os obstáculos, para prevenir os encontros e choque do que é prejudicial, para abraçar e reter o que pode dar prazer e colocá-lo ao alcance dos outros sentidos. Quando a alma está tranquila, todas as partes do rosto estão num estado de repouso, a proporção, a união, o conjunto delas ainda marcam bastante a doce harmonia dos pensamentos e respondem à calma do interior; mas quando a alma está agitada, a face humana se torna uma pintura viva, onde as paixões são representadas com tanta delicadeza quanto energia, onde cada movimento da alma é expresso por um traço, cada ação por um caractere, cuja impressão viva e rápida se adianta à vontade, nos revela e traz para fora, pelos sinais patéticos,

as imagens de nossas agitações secretas. (*História natural do homem*, Da Idade Madura, Descrição do Homem. II, 1749. *Oeuvres*, p. 237)